

Como representante da Universidade Católica Portuguesa em Braga, Instituição que hoje é agraciada com a Medalha de Honra da Cidade, cabe-me a subida honra de falar em nome de todas e todos os que hoje estão a ser homenageados pelo seu contributo para a edificação permanente da nossa cidade – ou melhor ainda, para a edificação permanente de nós mesmos, como cidade. E é da cidade, da nossa cidade, que quero falar – não de modo chauvinista, mas como forma concreta de vivermos, atualmente, a nossa humanidade comum.

É sabido que a urbanidade é hoje o modo como, em geral, habitamos os mundo e vivemos o nosso quotidiano. A própria ruralidade já não é tão rural como noutros tempos, estando claramente marcada por modos de vida tipicamente urbanos. Viver urbanamente possui variadíssimas características, que também se diferenciam consoante as características das próprias cidades. Algumas são comuns a toda a vida em cidade; outras contribuem para a identidade específica de cada cidade, distinguindo-a de outras.

Começo por este último aspecto, porque é ele o que mais sobressai no momento que celebramos. A celebração do padroeiro da cidade, no âmbito da qual se insere esta sessão, é a celebração simbólica da própria cidade. É pois um momento forte, propício à tomada de consciência de quem somos, no nosso caso como bracarenses. É claro que cada um de nós é ele mesmo, diferente de todos os outros; mas essa sua identidade inconfundível não é separável do conjunto de relações que constituem o tecido do seu quotidiano. E é esse tecido que forma uma comunidade de habitantes, com uma identidade suficientemente identificável. Uma cidade, sobretudo uma cidade de pequena e média dimensão como é nossa, é hoje o horizonte mais comum de referência para a constituição e percepção de uma identidade comunitária. No nosso caso, somos bracarenses não apenas porque habitamos o espaço físico desta cidade, mas porque somos parte daquilo que a constitui, da sua essência em movimento, da sua alma ao mesmo tempo oculta e visível no dia a dia da sua atividade.

Uma boa parte dessa alma vem-nos da memória que nos liga a gerações precedentes, sem fundo identificável. Memória que se nos torna quotidianamente visível, palpável, mesmo audível e até saboreável, possibilitando assim ser parte do nosso presente e de um futuro que imaginamos. Braga é, de modo excelso, uma cidade de memória, mas de uma memória claramente viva, por isso incrustada no nosso quotidiano presente.

A nossa identidade é feita, também e naturalmente, de um presente dinâmico. É indiscutível a vivacidade atual da cidade de Braga, até pela juventude da sua população. A maturidade da sua história, conjugada com a iniciativa presente, fazem de Braga uma cidade sem complexos, que não precisa de provar nada a ninguém mas que apenas precisa de viver aquilo que é, dia a dia, e assim se afirmar como um espaço desafiante, cheio de possibilidades, especialmente adequado para se viver bem – o que é, em realidade, aquilo que todos os humanos procuram.

Mas o que é que faz da nossa cidade aquilo que ela é? Esta é uma questão que nos permite perceber um mecanismo comum todos os espaços urbanos contemporâneos: precisamente o modo como cada cidade se torna ela mesma.

Já não são, hoje, os muros fechados, que separam uma cidade do mundo exterior adverso, ou que a contrapõem a outras cidades, também elas com muros, eventualmente a conquistar ou, pelo menos, a temer. As portas da cidade, as novas e as velhas, substituíram há muito esses muros e são hoje a própria condição de possibilidade de uma verdadeira urbanidade, com vocação global, universal, e nunca mais tribal.

Também não é, hoje, a referência a um soberano ou senhor, como foi em tempos o Senhor de Braga, aquilo que origina uma identidade urbana, como conjunto dos súbditos desse soberano. A referência unificante a S. Geraldo não possui esse significado, pelo menos nos dias de hoje. Na urbanidade, os mecanismos de poder, inevitavelmente existentes, são muito mais complexos e dispersos.

Também não é a referência a uma atividade única ou dominante, como chegou a ser o caso de muitas cidades no início da era industrial – o que implicava também e habitualmente, o domínio, por parte dos proprietários dos meios de produção, como prolongamento do antigo soberano. Não são as elites – pelos menos não são exclusivamente as elites – quem determina a identidade urbana atual.

Uma cidade – cada uma diferente de todas as outras – constitui-se hoje – como todas as outras – na complexa interação dos seus agentes, públicos e privados, coletivos e individuais, atuando numa ampla diversidade de sectores e sujeitos de uma pluralidade irredutível a qualquer modelo ou mesmo pretensão de uniformidade.

É isso que hoje se faz corpo, no corpo das pessoas e das instituições que aqui são homenageadas. Há muitas mais, é certo, e cada ano são diferentes. Mas as que cada ano são referidas representam a vida de uma cidade inteira, na sua variedade, na sua irredutível pluralidade, no seu extraordinário dinamismo.

Sem qualquer tipo de hierarquização dos contributos para a urbanidade de Braga – porque esses contributos podem ser individuais, empresariais, associativos, etc. – gostaria no entanto de recordar que, desde o seu início, as universidades foram uma das instituições que mais contribuiu para a constituição da vida urbana. Diferentemente das escolas conventuais, isoladas do espaço citadino e dedicadas à contemplação da verdade, as universidades nasceram no coração dos burgos, absorvendo e ao mesmo tempo originando o seu espírito urbano. Nelas, a busca da verdade não pode separar-se da aplicação prática dessa verdade, que faz do tecido social concreto o lugar de verificação do valor do conhecimento. Por isso, estão permanentemente casadas com a urbanidade que hoje nos qualifica. Braga é, verdadeiramente, uma urbe contemporânea porque é um espaço-tempo de interação humana diversificada, animada por dinamismos práticos e de conhecimento complexo, num contexto plural e global aberto. Para isso contribui a Universidade Católica Portuguesa, primeira instituição universitária da cidade. Há pouco mais de 70 anos, os jesuítas criaram uma Faculdade de Filosofia, como que a retomar o Colégio de Estudos Superiores aqui existente no séc. XVI. Há pouco mais de 50 anos essa Faculdade originou a Universidade Católica, a partir de Braga, para todo o país e para o mundo, num anúncio claro do perfil de urbanidade que se estava a configurar. Pouco depois, juntou-se-lhe a Universidade do Minho, aqui significativamente representada. Braga não seria, certamente, o espaço urbano que hoje é, sem a presença e atividade intensa das suas universidades.

A Universidade Católica Portuguesa – e, com ela, penso que todas e todos os homenageados aqui presentes – manifesta um sentimento de humildade e ao mesmo tempo de orgulho por fazer parte desta cidade. Sentimo-nos humildes porque aquilo que servimos é muito maior que nós; sentimo-nos orgulhosos porque o nosso contributo para aquilo que somos é muito significativo e é isso que anima o nosso trabalho quotidiano.

Somos gratos, os que hoje são homenageados mas, em rigor, todos os bracarenses, pelo facto de aqueles que nos governam em proximidade, precisamente aqueles que constituem os diversos órgãos municipais, saberem celebrar Braga celebrando aqueles que, na imensa variedade das suas atividades, lhe dão corpo e, nesse corpo, fazem brotar uma alma em permanente edificação, precisamente a alma bracarense.